

ABU-LUGHOD, Lila. *Dramas of Nationhood: the politics of television in Egypt*, Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2005, pp.

Raphael Bispo
Museu Nacional - UFRJ

Desde o final dos anos 1970, Lila Abu-Lughod realiza trabalhos de campo no Egito, dedicando-se a estudar os seus diferentes grupos sociais, com um grande destaque para as mulheres do país. Suas primeiras incursões de pesquisa na região foram feitas numa tribo de beduínos conhecida pelo nome de Awlad ‘Ali, com quem ela conviveu durante mais de dez anos junto a uma grande família pertencente ao grupo. *Veiled Sentiments* e *Writing Women’s Worlds* são duas influentes monografias fruto dessa investida etnográfica inicial, que conseguem sintetizar reflexões sobre o estatuto das emoções no campo antropológico e as críticas contemporâneas que eclodiram na disciplina a partir de correntes teóricas comumente conhecidas por meio de rótulos como feminista, pós-colonialista e pós-moderna.

Dramas of Nationhood é uma contribuição etnográfica recente da autora, preocupada com os dilemas contemporâneos pelos quais passa o Egito, que se refletem nas experiências cotidianas de seus cidadãos. Se outrora Abu-Lughod investigou uma manifestação cultural popular e bastante tradicional entre as mulheres de Awlad ‘Ali – as poesias de amor por elas enunciadas, cuja lógica de expressão estaria ligada a uma ideologia de dominação aos homens locais – em seus trabalhos mais recentes a atenção se volta para a análise da disseminação dos meios de comunicação pelo território egípcio, logo, aquilo que poderíamos classificar por meio de um termo recorrente como “cultu-

ra de massa”. Para a infelicidade das pessoas mais velhas da tribo beduína, as jovens que ela acompanhou todo amadurecimento já não se dedicavam como suas mães à arte de aprender a criar ricas poesias amorosas. Elas agora gostavam de escutar as grandes bandas de música do momento por meio das rádios cujos sinais eram transmitidos para o norte do país diretamente do Cairo, a capital do Egito, além de passarem horas acompanhando os dramas melodramáticos transmitidos pelas poucas televisões da região. Mais do que apenas um conflito de gerações, a autora percebe nas mudanças comportamentais incentivadas pelos meios de comunicação uma interferência do Estado nas dinâmicas culturais do Egito, principalmente através da tentativa de assimilar os grupos mais desfavorecidos socialmente a uma configuração de Estado-nação já bastante arraigada nos centros urbanos do país. A tese central de *Dramas of Nationhood*, portanto, é analisar como a televisão se constrói como um poderoso instrumento para a produção de uma cultura nacional no Egito, transformando-se numa instituição de relevância no horizonte das dinâmicas de poder e dominação do país, capaz de estimular uma sensação de pertencimento à nação egípcia. Afirma a autora: “Television may be one of the richest and most intriguing technologies of nation building in Egypt, because it works at both the cultural and sociopolitical levels, and it weaves its magics through pleasures and sub-liminal framings” (p. 9).

O capítulo 1 do livro de Abu-Lughod procura esclarecer essa ideia-chave de pensar a televisão em termos de um projeto de constituição da nação egípcia. Em países que deixaram de ser colônias ao longo da segunda metade do século XX, os meios de comunicação assumiram propósitos político-sociais específicos, indo além das funções rotineiramente associadas a eles como a de entreter e incitar o consumo. A televisão egípcia possui um forte controle do estado, que procura constituir cidadãos por meio de uma programação educativa voltada para uma espécie de pedagogia civilizatória das pessoas mais pobres e tidas como “atrasadas” e “inferiores”, tais como

os camponeses e os moradores das áreas periféricas dos centros urbanos, que precisariam ser modernizados e “incluídos” no “novo país” que está se desenvolvendo. Os seriados transmitidos pela TV – melodramas de curta duração, estruturalmente diferentes das *soap operas* americanas e das telenovelas latinas – contam histórias cujos personagens são construídos como modelos a serem seguidos pelos telespectadores, principalmente os de camadas populares, o “público-alvo” dessas produções.

Todavia, como fazer uma etnografia de relação de um país com os *media*, um objeto de estudo complexo e tão vasto? Abu-Lughod defende uma reconfiguração dos modelos clássicos de pesquisa de campo na antropologia, que sempre se moveu em boa medida tendo como preocupação o exame de uma rede de significações concentrada numa dinâmica espaço-temporal de vívida fronteira, comprometida com um “localismo” no qual as grandes narrativas da cultura de massa tendem a não se enquadrar. A sua proposta, inspirada no conceito de “multi-sited research imaginary” de George Marcus, não deixa de lado o engajamento do pesquisador com o dia a dia dos sujeitos e as dinâmicas microscópicas de investigação. Abu-Lughod assistiu televisão com egípcios a fim de perceber a maneira como os seriados televisivos são reconfigurados em suas dinâmicas cotidianas. Entretanto, ela defende a necessidade da pesquisa etnográfica sobre a difundida televisão no país a partir de variados pontos de investigação, múltiplos campos de pesquisa em que o antropólogo se propõe a revelar os limites e conexões existentes entre eles. Dessa maneira, ela pesquisa as relações dos indivíduos com os seriados televisivos num pequeno povoado de camponeses ao norte do Egito e junto a empregadas domésticas da periferia do Cairo. Ela também privilegia os discursos das classes médias e da *intelligentsia* do país a partir dos debates públicos engendrados nas páginas dos jornais. Por fim, articula a esses campos analíticos as impressões dos responsáveis pela produção dos programas, como diretores, roteiristas, burocratas do estado e até mesmo os atores dos melodramas. Abu-Lughod esclarece o que é o Egito

na contemporaneidade e o papel da televisão nesse processo a partir de uma variedade de contextos etnográficos, articulados entre si com o propósito de jogar luz sobre amplos e dispersos conceitos como “nação” e “televisão”.

A preocupação metodológica da autora acerca dos fenômenos da comunicação de massa é tão candente no livro, que ela persiste em pensar ao longo do capítulo 2 estratégias etnográficas de como abordar antropológicamente a questão. Os “estudos culturais”, que tradicionalmente têm se voltado para os fenômenos dos meios de comunicação, negligenciam a dinâmica cotidiana e a relação que os sujeitos estabelecem com a televisão. Defendendo a pertinência do conceito de “descrição densa” proposto por Clifford Geertz, Abu-Lughod busca privilegiar os ricos e variados contextos culturais em que os telespectadores estão inseridos, a fim de construir uma etnografia dos momentâneos eventos em que os *media* emergem no dia a dia dos sujeitos. A televisão ocupa um pequeno espaço nas vidas dos indivíduos, mas seus debates e mensagens se estendem para além do momento de se assistir televisão. Logo, é preciso não ser restrito às interações que ocorrem na sala de estar, diante da tevê, para compreender os sentidos adquiridos pelos melodramas no cotidiano das pessoas.

É possível percebermos um exemplo dessas proposições metodológicas quando Abu-Lughod compara duas visões de mundo de mulheres com trajetórias de vida diferenciadas, tendo como mote um seriado televisivo. A feminista autora de *Mothers in the House of Love* formula um discurso típico dos grupos letrados e de camadas médias, defendendo o fim do “obscurantismo” e da “alienação” supostamente ainda persistentes na vida das mulheres mais pobres do país. A visão desenvolvimentista da autora se reflete num seriado repleto de referências à necessidade de dedicação aos estudos e a valorização do trabalho feminino. Todavia, Zaynab – uma pobre empregada doméstica da periferia do Cairo – assiste aos melodramas com desconfiança, distanciando-se das personagens tidas como liberais por meio de um discurso morali-

zador. Ela condena o afastamento das mulheres de seus lares e a demora em se casarem. As mensagens que os seriados procuram transmitir aos telespectadores, nos mostra Abu-Lughod, não são neutras e estanques, sendo elas constantemente interpretadas e reavaliadas pelos sujeitos sociais, consumidas localmente de variadas maneiras possíveis. Cabe a uma “descrição densa” perceber os diferentes sentidos adquiridos pelas mensagens dos seriados e, se possível, partindo de múltiplos campos de investigação empírica.

Os capítulos 3 e 4 se dedicam a esmiuçar a convivência de camponeses e mulheres pobres do Egito com as mensagens modernizantes exibidas pelas séries televisivas. São esses dois grupos sociais os principais alvos das proclamadas reformas estatais, cujo objetivo final é eliminar o analfabetismo, coibindo comportamentos tidos como “atrasados” e “não-civilizados” de tais grupos, além de estimular um apreço em pertencer à nação egípcia. Abu-Lughod identifica uma ambiguidade na maneira como os indivíduos de segmentos populares recebem os seriados. Primeiramente, eles apreciam essas produções por mostrarem personagens interessados em ir à escola e possuírem uma vida financeira autônoma, principalmente as figuras femininas. Educação transformou-se num valor para os camponeses e mulheres mais pobres da cidade, e a televisão é vista como uma fonte de conhecimento. Entretanto, existe uma retórica de frustração e desencanto por parte dos telespectadores no momento em que se veem impossibilitados de seguirem adiante com os planos propagados nos seriados. Os valores sustentados pelos personagens televisivos não encontram bases estruturais nas ações políticas e econômicas do Egito. Isso acaba por provocar consequências negativas para a autoimagem das classes populares, diante da sensação de impossibilidade de atingir seus ideais, tanto estimulados pela televisão. Samira foi uma jovem egípcia que se viu frustrada diante das inúmeras oportunidades de trabalho que perdia, mesmo sendo educada em bons colégios, como as personagens dos seriados que adorava.

Para ela, ver tevê significou durante muito tempo acreditar na mudança de suas condições de vida, principalmente por meio de um auxílio do estado. “But because these media forms associate moral judgments with educated and enlightened figures of authority, they establish dependence as the proper mode of relations between the disempowered and the state or the educated classes” (p. 100).

Se por um momento Abu-Lughod identifica uma influência do Estado na programação televisiva do país – que pode parecer de uma certa maneira como algo um tanto autoritário e doutrinador – por outro ela complexifica tal ingerência ao constatar as reformulações que eclodem nas esferas subjetivas dos telespectadores. Os melodramas popularizam uma forma de narrativa bastante distinta da qual os egípcios estão acostumados, extremamente sentimentalizada e estimuladora de vivências cotidianas mais individualistas, isto é, menos centradas nas dinâmicas de parentesco e nas relações comunitárias dos sujeitos. Os melodramas televisivos são tecnologias para a produção de novos *selves*, são estímulos a sensibilidades que comumente associamos à modernidade da cultura ocidental, “for staging interiorities (through heightened emotionalism) and thus constructing and encouraging the individuality of ordinary people” (p. 113). O capítulo 5 apresenta a maneira como os seriados televisivos, repletos de personagens “donos de si” e empenhados em satisfazer seus ideais, promovem uma “educação de sentimentos” (p. 118) entre os segmentos populares. Eles trazem para a lógica de suas rotinas a possibilidade de constituírem uma vida mais sentimentalizada, reforçando uma sensação de personalidade rica em experiências emotivas, além de enfatizar a preeminência de si sobre os demais sujeitos ao seu redor. A autora verifica também o quanto os seriados estimulam a dramatização da vida dos sujeitos. Isso porque muitas mulheres por ela entrevistadas constroem narrativas de seus cotidianos em que as fórmulas clássicas do melodrama,

como o maniqueísmo e a valorização do sofrimento, emergem como parâmetros do ato de falar sobre si.

A emergência de um *ethos* individualista, principalmente entre os segmentos mais ricos e letrados – os responsáveis pelas produções televisivas – acaba incitando em muitos egípcios um reforço de suas identidades religiosas, contrapondo-se ao secularismo valorizado pelos seriados televisivos “modernos”. Os capítulos 6 e 7 se detêm na análise dos melodramas que constroem o “bom islamismo” dos grupos cultos e educados em oposição ao “mau islamismo”, promovido pelos cidadãos “violentos” e “bárbaros”, que resultaria na formação de grupos extremistas e na perpetuação do obscurantismo e atraso do país. Abu-Lughod percebe em tais debates uma profícua maneira de estimular o sentimento de pertencimento à nação do Egito nos telespectadores, afirmando uma identidade nacional cuja autenticidade não afasta completamente a experiência religiosa dos sujeitos populares, mas, ao mesmo tempo, a reformula em torno de um cosmopolitismo de orientação ocidental. Se a televisão é uma tecnologia de produção de *selves*, percebemos por meio dessas reações que isso não ocorre de maneira harmônica, pelo contrário, existe uma forte tensão entre os estilos de vida promulgados pelos seriados – em que o Islã é o “outro”, inimigo da nação – e as tradições arraigadas nos segmentos populares do país. A luta contra o extremismo religioso ofende uma parcela considerável de telespectadores praticantes da religião, que se veem instigados a reforçar seus interesses no islamismo por meio de práticas e instrumentos que demonstrem explicitamente suas filiações, como o uso do véu.

Por fim, cabe ainda destacar que esta “multi-sited research imaginary” culmina com uma análise da relação entre a constituição de uma identidade nacional egípcia e as novas formas de consumo estimuladas pelos meios de comunicação. Essa abordagem é feita por Abu-Lughod a partir da combinação de duas vertentes de reflexão. Primeiramente, ela se concentra nas

contradições suscitadas pelas propagandas televisivas na vida cotidiana dos grupos populares. Eles não estariam imunes aos desejos consumistas estimulados pelo desfile de produtos industrializados e que “facilitam a vida” na televisão, pelo contrário, sempre que suas rendas permitem inúmeros bens são comprados. Todavia, esses produtos são sempre confrontados com visões de mundo que condenam o consumismo desenfreado, “the evil eye” (p. 216), ao mesmo tempo em que persistem formas mais tradicionais de obtenção de meios de subsistência, como a troca e o cultivo caseiro.

As ambiguidades com relação ao consumo persistem na relação que tais grupos mais desfavorecidos estabelecem com os atores dos seriados da tevê. As estrelas são por eles adoradas e têm suas vidas particulares sempre em foco. Porém, tanto nos programas quanto na vida real, elas levam um estilo de vida que apenas uma pequena minoria seria capaz de possuir, já que roupas caras e festas de grande prestígio não fazem parte do cotidiano de boa parte dos egípcios, principalmente os que não vivem na capital. Porém, se por um lado essa sensação de não pertencimento ao círculo consumista pode gerar sensações de frustração, Abu-Lughod nos mostra o quanto esse estilo de vida não condiz com as moralidades das pessoas mais pobres, que abertamente condenam o “mundo artístico” e procuram se afastar dos dramas de separação, traição e alcoolismo que as celebridades vivenciam em seus cotidianos. A intimidade que a população do Egito passou a vivenciar com os atores é sempre matizada por meio de um afastamento proposital, indicativo de que aquele mundo televisivo não diz respeito ainda a ela, da mesma forma que a sensação de pertencimento ao Estado-nação do Egito ainda não se fez da maneira imediata como gostariam as autoridades. “Television, in other words, is considered a world unto itself, with its own rhythms, standards, and conventions. It need not bleed fully into daily life, even if is an intimate part of it” (p. 241), conclui a autora.